

Rosa Alice Cunha-Henckel (Jena)

Bantuísmos¹ lexicais no português do século XVIII

Vocábulos de origem africana já se encontram em documentos oficiais portugueses nos primeiros séculos das navegações (Tinhorão 1988: 345). Um exemplo é a palavra *inhame*² — um tubérculo comestível básico na alimentação dos africanos — que se encontra sob a forma portuguesa na carta de Pero Vaz de Caminha ao rei Dom Manuel, anunciando a descoberta do Brasil (Tinhorão 1988: 345).

Outros afronegrismos já integrados à língua portuguesa, que também datam dos primeiros contatos dos portugueses com os africanos, são, segundo Jacques Raimundo (1933: 13), por ex. *cachaça* (bebida fermentada feita da borra do caldo de cana e servida aos animais e escravos dos antigos engenhos/aguardente obtida da destilação da borra do caldo de cana após ter passado por processo prévio de fermentação alcoólica); *quindins* (meiguice, denguice, delicadeza); *quezila*, *quezília* ou *quijila* (antipatia, inimizade, aborrecimento, zanga, tabu, regra).

Na literatura portuguesa do século XVI, já se assinala a presença de vocábulos de origem negro-africana. Segundo Tinhorão (1988: 345-346), Gil Vicente, no auto *Pranto de Maria Parda*, de 1552, põe na boca de um dos seus personagens a palavra *minhoca*.³

Eu soo quero prantear
Este mal que a muytos toca
Que já estou com *mynhoca*
Que poseram a secar

-
- 1 Vocábulos oriundos das línguas do grupo banto, sobretudo do quimbundo, falado em Luanda, do quicongo, no Norte de Angola e do umbundo, na região de Benguela. São eles os mais abundantes e difundidos pelo fato de os africanos deste grupo terem sido levados tanto para Portugal como para o Brasil desde o início do tráfico e terem prevalecido por mais de três séculos com o tráfico para a América portuguesa.
 - 2 Que se encontra sob a forma espanhola *ñame* no Diário de Cristóvão Colombo (1492).
 - 3 «Designação comum aos animais anelídeos, da classe dos oligoquetas, especialmente os de hábitos terrestres, os quais são cavadores incessantes de túneis e galerias e apresentam colorido cinzento ou róseo... também usado como iscas para pesca» (Houaiss 2001).

É preciso salientar que em Lisboa, nos séculos XVI e XVII, o número de escravos era muito elevado. Segundo estimativas de Serrão (1963), no ano de 1551, 10% dos 100.000 habitantes de Lisboa eram escravos negros, mulatos e mouros. As indicações do Registro da Sé e do Castelo eram impressionantes. Quase toda a gente possuía o seu escravo. E como refere Teyssier (1959: 277): «Tout le monde en avait, depuis l'archêveque jusqu'au moindre marchand de l'Alfama, le Palais du roi ne faisait naturellement pas exception».

Magalhães Godinho indica para o período de 1441-1505, a entrada em Portugal de entre 136.000 e 151.000 escravos da África (Tinhorão 1988: 79). Já com relação ao Brasil, uma estatística de Perdigão Malheiros efetuada em 1798, indica que 47% da população era de negros e mulatos escravos (Scisínio 1997).

Diante desses dados, é portanto normal que na comunicação entre os escravos e os portugueses, já se utilizassem vocábulos de origem africana. Tinhorão (1988: 347), baseado nas observações dos fatos da história social portuguesa, sobretudo da vida lisboeta conclui que «a fixação na linguagem portuguesa corrente de termos de origem negro-africana deve ter-se intensificado durante o século XVIII».

E isto ele ilustra com alguns exemplos datados desse século.

Um deles é o que diz o personagem Pórcia, do entremez⁴ de José Daniel Rodrigues da Costa, *A Menina Discreta da Fábrica Nova* — meados do século XVIII — em resposta à preocupação da sua irmã Corisca «em seguir a tendência da época de falar rebuscado e empregar neologismos»: «Não leio obras insulsas, não digo palavras de Costa de África que falam as tapuias, mas todos me entendem».

Segundo o autor, o motivo para tal utilização teria sido a acentuação das mudanças dos estilos rurais para os urbanos. Mais como sociedade aberta às novidades, os cidadãos de classe média e até mais baixa, deixaram registrados nos folhetos de cordel, — a linguagem na qual eles se comunicavam. Esta afirmação é ilustrada com a recolha de alguns africanismos retirados do corpus deste tipo de literatura. Como por exemplo os três a seguir, coletados no *Entremez Intitulado os cazadinhos da Moda*, de 1784:

4 Entremez: HIST. TEAT fins do século XVI a meados do século XVIII, Na península Ibérica, peça curta, de variada tipologia, e tom geralmente burlesco, representada no princípio ou entre os atos ou no final de peças teatrais sérias de longa duração (Houaiss 2001).

banzar: termo quimbundo «pensar, meditar»

Eis porque um homem *banza* e fala:
Chegou a minha casa a ser sanzala.

bangalé termo quimbundo: «brigar, lutar»

Galhofas, *bangalés* e gritarias
É o que vejo aqui todos os dias

mataco termo chulo do quimbundo para «nádegas»

Que gosto, que fessa
Bolir cos cabeça
Oiar dos macaco
Mexer cos *mataco*
Com todo os primoro
Ao som dos tamboro
Que faze tum, tum.

Portanto, a incorporação de termos de uso comum e coloquial difundidos pelos próprios escravos, assim como de palavras referentes a realidades africanas sem equivalentes na língua portuguesa e de topônimos, é um fato evidente na Metrópole, embora em número e importância muito menores do que o que se registra no português do Brasil. Raphael Bluteau, na sua monumental obra lexicográfica — 1712-1728 — já insere entre seus verbetes alguns desses termos, entre eles *moleque* — pequeno escravo negro, — *mandinga* — feitiço, *mocambo* — aldeia dos negros repartidos em choupanas.

O autor de tais observações, intituladas «contribuição negro-africana ao vocabulário português» do seu livro *Os negros em Portugal*, publicado em 1988, expõe uma lista de 97 vocábulos de origem africana recolhidos em diversas obras de diferentes épocas. Desta lista, foram selecionados com base em outras fontes, os vocábulos já inseridos na língua portuguesa até o século XVIII, para o estudo presente.

Além dessa obra, um outro corpus do século XVIII, foi de grande importância para esta análise. Trata-se do levantamento que fez Mario Antonio Fernandes de Oliveira, num artigo intitulado «Quimbundismos no Português literário do século XVIII nas áreas angolanas e brasileiras» (1987). Nele, é apresentada uma coleta de 87 vocábulos na obra de Elias Alexandre da Silva Correa, *História de Angola*, escrita no referido século. Elias Alexandre da Silva Correa se autodefinia como «americano português». Era filho de portugueses. Seu pai, o Conselheiro José de Mascarenhas, foi mandado para o Brasil com a missão de fazer cumprir a política de Pombal sobre os jesuítas. Ele dividiu a sua idade adulta por Angola e pelo Brasil. Foi o autor da

terceira *História de Angola* de que há notícia, na segunda metade do século XVIII (Soares 2002: 4).

Segundo Oliveira, Elias Alexandre Corrêa se mostra como «um intelectual típico da sua época de Luzes no seu livro» ao realizar para Angola o que seu pai tinha como projeto para a Academia Brasileira dos Renascidos na Bahia, obra por ele fundada.

Para fazer uma comparação, tomou-se uma obra brasileira do mesmo século, a saber, *Cultura e Opulência do Brasil*, cujo título inicial era *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, de 1711, do jesuíta Antonil, obra que foi confiscada pelo Estado Português imediatamente após a sua publicação, permanecendo ignorada durante um século e meio. Apesar de o autor salientar a importante contribuição da mão de obra africana para a exploração e constituição das riquezas do Brasil colonial chegando a dizer «os escravos são as mãos e os pés do senhor do engenho; porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar fazenda nem ter engenho corrente» (Antonil 1967: 47), são pouquíssimos os bantuísmos utilizados por este autor — *senzalas* (23/24), *caximbo(s)*, (40/154/163/165) e seus derivados *cachimbar* (162) / *cachimbandando* (163), *mocambo*, *cachaça*, *moleque-de-assentar* e *inhames* (156).

Dos vocábulos colhidos por Oliveira na obra de Correa, juntamente com os da obra de Antonil, os do vocabulário apresentado por Tinhoão e outros recolhidos na minha pesquisa na área, foram selecionados 29 termos de origem banto, já registrados no português escrito até o século XVIII. Estes serão apresentados com as suas etimologias e os seus referidos significados indicados por Castro (2001), assim como a data de entrada na língua portuguesa escrita (Houaiss 2001):

1. *batuque* (1770) dança dos negros (do quimbundo e quicongo *vutuki(la)*, repetir a mesma coisa, o som + port. bater);
2. *banzar* (1707) pasmar de pena e mágoa (do quimbundo e quicongo (*ku*) *banza*, pensar, refletir);
3. *calhambola* (1731 em Costa Peixoto) os desertados dos domínios dos seus senhores (ver quilombola) (1858 H) do quimbundo e quicongo *kilomboli*, com o mesmo sentido;
4. *cachaça* (1635) aguardente (do quicongo (*kunua*) *kisasa*, com o mesmo sentido);

5. *cafune* (1789) ato de coçar levemente a cabeça de alguém, dando estalidos com as unhas para provocar sono (do quicongo *kafunile kafa*, ação de bater, estalar com os dedos);
6. *calango* (1689) lagarto (do quicongo *nkalandal*/ do quimbundo *dikalanga*, com o mesmo sentido);
7. *canjica* (1725) papa de milho (do quimbundo e quicongo *kanjica*, com o mesmo sentido);
8. *catanga* (1727) mau cheiro de corpo (do quicongo *kaninga*/ do quimbundo *katinga* com o mesmo sentido);
9. *cachimbo* (1680) pipó de fumar (do quimbundo *(ka)nzimu*, e do quicongo *(ka) nzingo*, lit. pequeno tição fumegante);
10. *cochilar* (séc. XVII) dormir (do quimbundo e quicongo *kushila*, com o mesmo sentido)
11. *dengue* (1836) mimo (do quimbundo e quicongo *ndenge*, manha, ciancice, cólera pueril);
12. *entanga* (tanga) (1789) pano, capa (do quicongo e quimbundo *ntanga*, tapa-sexo);
13. *fuba* (1881), (fubá 1680) farinha de milho tirada a pilão/fécula de mandioca (do quicongo e quimbundo *mfuba*, com o mesmo sentido);
14. *jimbo* (s/d) / *zimbo* (1508) dinheiro (do quicongo e quimbundo *nji(nzi)mbu*/ do umbundo *onjimbu*, com o mesmo sentido);
15. *libambo* (1550) enfiada de cativos presos a uma cadeia de ferro (do quimbundo e quicongo *lubambu*, com o mesmo sentido);
16. *macota* (1634) os mais velhos (do quimbundo e quicongo *(ma) kota*, o chefe religioso);
17. *malunga* (s/d) argola de ferro (do quicongo *(bi) malunga*, com o mesmo sentido);
18. *mandinga* (1716) feitiço (do quimbundo e quicongo *mazinga*, ação de complicar, de impedir por feitiço);
19. *milongo* (1899) remédio (quicongo e quimbundo *mi-nlongo*, com o mesmo sentido);
20. *minhoca* verme anelídeo (do quicongo e quimbundo *(mi) nyoka*);

21. *mocambo* (1535) refúgio de escravo foragido = quilombo (do quicongo *mukambu*, refúgio, esconderijo);
22. *moleque* (1716) menino, garoto (do quicongo, quimbundo e umbundo *mi-/mu-/a nleeke*) com o mesmo sentido;
23. *pombeiro* (1652) espécie de bufarinheiro (o que leva para o interior mercadorias), agente dos aviados para a venda a retalho (do quimbundo *pumbelu*, com o mesmo sentido);
24. *quilombo* (séc. XVI) acampamento fortificado dos jagas, povo antropófago que vindo do nordeste, invadiu o Congo e Angola no último quartel do século XVI (do quicongo e do quimbundo *ki-lombo*, aldeamento);
25. *quindim* (1880) por extensão, graça feminina (do quicongo *(ki)ntinti*, delicadeza);
26. *quitanda* (1681) mercado, onde vendem frutas e verduras; tabuleiro em que os vendedores ambulantes expõem a sua mercadoria (do quimbundo e quicongo *kitanda*);
27. *sanzala* / *senzala* (1899/1771) povoado (do quicongo *senzala* / quimbundo *sanzala*);
28. *xingar*: (séc. XVII) insultar, ofender (do quimbundo e do quicongo *singa*);
29. *zumbi* (1681) fantasma (do quicongo *mvumbi*, com o mesmo significado).

Numa análise sincrônica destes termos, no que concerne ao português do Brasil, pode-se fazer a seguinte constatação: todos esses vocábulos, os 17 de Silva Correia, os da obra de Antonil, os da literatura popular coletados por Tinhorão e os da minha pesquisa pessoal — que já tinham sido registrados no português escrito até o século XVIII, com exceção de *macota*, *malunga*, *milongo* e *jimbo* — que constam como fazendo parte da linguagem do povo de santo da Bahia, no Vocabulário afro-brasileiro publicado pela professora Castro (2001), ainda são correntes no português atual falado no Brasil. Termos como *inhame*, *canjica* e *fubá* são constantes no vocabulário culinário na região Nordeste. Palavras como *senzala*, *mocambo* e *libambo* são títulos de obras importantes como *Casa grande e senzala* e *Sobrados e Mocambos* do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre. De *Libambos e Manilhas* é intitulado o livro recém-publicado de Alberto da Costa e

Silva, presidente da Academia Brasileira de Letras. E, para os outros termos, temos a seguinte lista recolhida na mídia contemporânea brasileira:

cachaça

Num momento em que a difusão de uma simples marca implica vultosas operações de marketing, a ascensão internacional da *cachaça* é digna de registro (*Veja*, 07/02/2001: 20);

cachimbo

Com uma caneta de prata, traçando linhas finas num bloco de papel, acendendo sem parar o *cachimbo*, Arraes explica por que é de pouca conversa (*Veja*, 18/05/1994: 22);

cafuné

Se é para me orgulhar, orgulho-me de outras palavras em português. Palavras que não descrevem a realidade de maneira concreta e que, em minhas andanças, só encontrei na nossa língua, provocando espanto e inveja em meus interlocutores estrangeiros. Talvez sejam palavras menos nobres, porque não se referem a sentimentos elevados, e sim a miudezas da vida cotidiana, de uso corriqueiro, quase vulgares. Mas nós temos palavras para defini-las, eles não. A mais óbvia é *cafuné* (*Veja*, 10/01/2001: 133).

O *cafuné* é calmante como certas práticas de yoga, desfrutadas milenarmente pelos orientais (*Diário de Pernambuco*, 31/07/1988);

calango

Ainda bem que eu não tenho de comer *calango* (*Veja*, 06/05/1998: capa);

catinga

Igualmente engenhoso foi o emprego da palavra «sovaco» para apontar a *catinga* axilar (*Veja*, 10/01/2001: 133);

cochilar

Enquanto trabalhava e estudava, a menina repetiu a primeira série e *cochilava* ao fazer os deveres (*Veja* 19/01/2000: 67);

dengo

Há em nossa atmosfera acústica alguma coisa pateticamente infantil, regressiva, abortada, pedindo proteção e água. Dir-se-ia que crioulo quer colinho. Mimo. *Dengo*. Da parte de um pai que não aparece, ou que o rejeita, como dizia Darcy Ribeiro tanto do mameluco quanto do mundo (*Folha de São Paulo*, 30/11/1997, cad. 5-Mais: 8, sobre a língua portuguesa do Brasil);

mandinga

Mandingas para passar o ano “quer dizer: „simpatias que podem trazer maior prosperidade, fortalecer laços amorosos ou estabelecê-los, ou simplesmente, livrar o ambiente de energias pesadas (*Correio Braziliense*, 31/02/1995, Cad. 2: 1);

moleque

Hoje você olha um *moleque* de 13 anos e só vê rancor nos olhos dele. É nisso que as autoridades têm de prestar atenção: no rancor que está se acumulando. Porque tem *moleque* muito talentoso, muito mesmo (*Veja*, 17/01/72001: 15);

São uns *moleques*, caluniadores, irresponsáveis (*Correio Braziliense*, 15/05/1997, Cad. Cidades);

quitanda

Mostra que a Funcef, uma potência financeira cujo patrimônio chega a 6,8 bilhões de reais foi administrada até 1998 como uma *quitanda* de esquina (*Veja*, 29/11/2000: 46);

senzala

«Não somos a *senzala* do Planalto» Heloísa Helena, senadora (PT-AI), reagindo à ameaça de expulsão do partido, caso fosse à Justiça contra a propaganda pró-reforma da Presidência do governo (*Veja*, 7/5/2003: 40);

xingar

Como símbolo do país, o presidente não pode correr o risco de ser humilhado em público, de ser *xingado* ou atacado na rua (*Veja*, 13/12/2002: 39);

zumbi

Espremido entre a dupla pressão da sanha assassina do Hamas, a organização fundamentalista que semeia seus homens-bomba como ervas malignas, e a ferocidade da represália de Israel, Arafat parecia um morto-vivo, um *zumbi* que já deixou o mundo do poder político, mas ainda não sabe disso (*Veja*, 12/12/2001: 53).

Como a maioria dos trabalhos acerca dos diferentes aspectos da cultura africana no mundo luso tardaram a aparecer, o mesmo se verifica com relação à influência das línguas africanas no português, assunto que só veio a despertar o interesse dos estudiosos nesta área, no século XIX e sobretudo nas primeiras décadas do século XX.

Em Portugal, o primeiro inventário de possíveis palavras «que teriam advindo do seu contato específico com as falas dos negros africanos» é o *Glossário de Vocábulos portugueses Derivados das Línguas Orientais e Africanas exceto a Árabe*, de D. Francisco de São Luiz Saraiva, em 1837, que revelava a existência de 27 vocábulos de origem negro-africana de uso corrente em Portugal. Dos anos trinta do século XX são as obras clássicas de Jacques Raimundo *O elemento afro-negro na língua portuguesa* (1933), *A influência africana no português do Brasil* de Renato Mendonça (1933) e o capítulo «Sobrevivências africana — As línguas e as belas artes nos colonos pretos»

do livro de Nina Rodrigues *Os africanos no Brasil*, escrito no final do século XIX, mas só publicado também em 1933.

Já foi mencionado aqui que do período colonial, a única obra da qual se tem notícia é o vocabulário de Antônio Peixoto da Costa, cujos manuscritos só agora foram trabalhados por Castro (2002).

O que se tem a registrar de importante quando se trabalha com esse tipo de pesquisa é que há uma série de imprecisões nas obras lexicográficas mesmo no monumental Dicionário de Houaiss (2001), que veio preencher uma lacuna nesse campo. Elas vão desde a falta de precisão das etimologias, que divergiam enormemente, a erros com relação à data de entrada dos mesmos no registro escrito da língua portuguesa e às marcas de uso diatópicas e diastráticas. Problemas mencionados por renomados estudiosos estrangeiros da área como Willy Bal (1979: 11), Bonvini (1994) e Boulouvi (1996). Com relação às etimologias, a obra de Yeda Pessoa de Castro, *Falares africanos na Bahia*, publicado em 2001, é a que traz maiores precisões a este respeito.

Já com relação à data de entrada e às marcas de uso, apesar do grande aporte do dicionário de Houaiss (2001), ainda reinam imprecisões. Para os vocábulos acima mencionados, algumas datas do Houaiss são posteriores, quando já se tem registrados em textos como os sobre os quais tratamos.

Mas o que se constata num tal estudo é, primeiro, a frequência de uso desses vocábulos no dia-a-dia dos brasileiros; segundo, a importância dos mesmos na formação de um vocabulário específico da índole do brasileiro e porque não, na identidade do brasileiro; — vejam-se por exemplo *xingar*, *cafuné*, *denço*, *cachaça* —, terceiro, a transformação semântica de alguns desses lexemas no outro lado do Atlântico, primeiro, pela importância da mão de obra escrava africana e sua interrelação com a família do colono, segundo, devido à condição social dos seus falantes. Vejamos por exemplo o termo *moleque*.

Moleque, cujo sentido inicial era «menino» adquire no contexto brasileiro o significado de «menino negro, o filho dos escravos»; em Portugal adquire o de «criado», atualmente é empregado no Brasil como «menino de pouca idade», mas também, infelizmente, como «menino criado solto ou menino de rua» que deu os seguintes derivados: *molecada*, *molecório*, *molecoreba* «grupo ou corja de moleques», *molecada*, *molecagem*, *molequeira* «ação de moleque»; *molecote/molecota*, «moleque, moleca pequeno/a»; *molecão*, «moleque en-

corpado»; *molequice*, «o mesmo que molecada e molecagem no sentido de ato censurável»; *amolecar*, «tratar indecorosamente»; tornar-se moleque»; *molecar*, *molequear* «proceder como moleque»; «em que denota molecagem»; e os adjetivos *amolecado* «que tem ar de moleque»; «em que denota molecagem»; *moleque/moleca* «engraçado/a, pilérico/a, trocista, jocoso/a».

Por último, convém ressaltar a vitalidade desses lexemas nos dias atuais, que ainda continuam produzindo derivados e, também o seu uso metafórico. Metáforas que, às vezes, de uma certa forma, evocam as múltiplas facetas do relacionamento interracial no Brasil.

Bibliografia

- Antonil, João Antônio Andreoni (1967): *Cultura e opulência do Brasil*, Rio de Janeiro: Cia. Ed. Nacional.
- Bal, Willy (1975): «A propos de mots d'origine portugaise en Afrique Noire», em: *Miscelânea Luso-africana*, Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, pp. 119-132.
- Bal, Willy (1979): *Afro-Românica studia*, Albufeira: Edições Poseidon.
- Bluteau, Raphael (1712-1728): *Vocabulário português e latino*, 10 vols, Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus.
- Bonvini, Emilio (1994): «Africanismes au Brésil: une lecture du «Novo Dicionário Aurélio da Língua portuguesa»», em: *Colloque International Lusophonie – Lusographie*, Université de Rennes, pp. 31-36.
- Boulouvi, Lébéné Ph. (1996): «A propos d'une lexicologie afro-brésilienne», em: Degenhardt, Ruth / Stolz, Thomas / Ulferts, Hella (eds.): *Bremer Beiträge zur Afro-Romania 2*, pp. 209-242.
- Castro, Yeda Pessoa de (2001): *Falares africanos na Bahia. Um vocabulário afro-brasileiro*, Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras / Topbooks.
- Castro, Yeda Pessoa de (2002): *A língua mina-jeje no Brasil. Um falar africano em Ouro Preto do século XVIII*, Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro / Secretaria de Estado da Cultura.
- Freyre, Gilberto (²³1984): *Casa Grande e Senzala*, Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora.
- Freyre, Gilberto (1981): *Sobrados e Mocambos*, Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora.
- Houaiss, Antônio (2001): *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Objetiva.
- Mendonça, Renato (⁴1973): *A influência africana no português do Brasil*, Rio de Janeiro: Civ. Brasileira.

- Oliveira, Mário Antônio Fernandes de (1987): «Quimbundismos no português literário do século XVIII nas áreas angolanas e brasileiras», em: *Actas do congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo*, Lisboa, 1983, vol. II, pp. 273-291.
- Peixoto, Antônio da Costa (1945): *Obra Nova de Língua Geral de Mina*, Lisboa: Agência Geral das Colônias.
- Raimundo, Jacques (1933): *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, Rio de Janeiro: Renascença Editora.
- Rodrigues, Nina (⁵1977): *Os africanos no Brasil*, São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Saraiva, Francisco de San Luiz (1966): *Glossário de vocábulos portugueses derivados das línguas orientais e africanas excepto a árabe*, Amsterdam: Oriental Press [Reimpressão da edição de 1837].
- Scisínio, Alair Eduardo (1997): *Dicionário da Escravidão*, Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial Ltda.
- Serrão, Joel (1963): *Dicionário da História de Portugal*, Rio de Janeiro: Iniciativas Editoriais.
- Soares, Francisco (2002): «Angola e Brasil: história entrelaçada», em: *Continente* 2, pp. 4-7.
- Teyssier, Paul (1959): *La langue de Gil Vicente*, Paris: Klincksiek.
- Teyssier, Paul (²1984): *História da língua portuguesa*, Lisboa: Liv. Sá da Costa Editora.
- Tinhorão, José Ramos (1988): *Os negros em Portugal*, Lisboa: Editorial Caminho.